



## FILHAS DE OXUM! MATERNIDADES EM DEVIR-ÁGUA NA AMAZÔNIA

Daughters Of Oxum! Maternities in water-becoming in the Amazon

**Maria Juciléia da Silva LIMA**

Programa de Pós-Graduação em Educação  
em Ciências na Amazônia  
Universidade do Estado do Amazonas  
Manaus, Brasil

[mjdsl.mca25@uea.edu.br](mailto:mjdsl.mca25@uea.edu.br)

<https://orcid.org/0009-0006-2838-6728> 

**Eriane da Silva LIMA**

Programa de Pós-Graduação em Educação  
em Ciências na Amazônia  
Universidade do Estado do Amazonas  
Manaus, Brasil

[edsli.mca25@uea.edu.br](mailto:edsli.mca25@uea.edu.br)

<https://orcid.org/0009-0000-7598-4807> 

**Caroline Barroncas de OLIVEIRA**

Programa de Pós-Graduação em Educação  
em Ciências na Amazônia  
Universidade do Estado do Amazonas  
Manaus, Brasil

[cboliveira@uea.edu.br](mailto:cboliveira@uea.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0001-8430-2855> 

A lista completa com informações dos autores está no final do artigo 

### RESUMO

O artigo ensaia o pensar as maternidades (im)possíveis a partir da condição de sermos filhas da água, no território do encontro entre os rios Negro e Solimões, na Amazônia. Tem como objetivo compreender a maternidade como prática expandida de cuidado, para além da biologia, articulando escritas de si, eco feminismos e cosmo percepções afrodiaspóricas de Oxum. Metodologicamente, mobiliza uma narrativa autobiográfica inventiva como modo de investigação, acionando memórias, experiências corporais com a água e relações comunitárias de cuidado. As reflexões apontam que as maternidades emergem como fluxos relacionais e coletivos que sustentam infâncias, territórios e modos de educar. Nesse movimento, o devir-água se apresenta como sensibilidade que produz uma ética do cuidado situada, em que maternar e educar se fazem como práticas políticas, corporais e em travessia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Maternidades. Água. Devir. Cuidado. Ecofeminismos.

### ABSTRACT

The article seeks to think through (im)possible maternities from the condition of being daughters of water, within the territory of the meeting of the Negro and Solimões rivers, in the Amazon. It aims to understand maternity as an expanded practice of care beyond biology, articulating self-writings, eco feminisms, and Afrodiasporic cosmo perceptions of Oxum. Methodologically, it mobilizes inventive autobiographical narrative as a mode of inquiry, activating memories, embodied experiences with water, and community-based relations of care. The reflections indicate that maternities emerge as relational and collective flows that sustain childhoods, territories, and ways of educating. In this movement, water-becoming (devir-água) appears as a sensibility that produces a situated ethics of care, in which mothering and educating are constituted as political, embodied, and traversing practices.

**KEYWORDS:** Maternities. Water. Becoming. Care. Ecofeminism's.

## NASCENTES

*O rio é de Oxum ayeyeô...  
O lago é de Oxum ayeyeô...  
Águas de Oxum ayeyeô...  
Ayeyeô Oxum! Ayeyeô...  
O rio passa na mata, Ayeyeô...  
Caiu na água eu vi!  
Caiu na água, minha gente!  
O povo d'água vem aí!  
(Pontos cantados)*

Começamos com os cantos, chamando nossa mãe. Cantos que convocam a água, que convocam o corpo, que convocam a memória do povo d'água que habita em nós. Em muitas tradições afrodiaspóricas, cantar é abrir caminho para lembrar de onde viemos. E viemos da água. Da relação do útero com os rios. De travessias. Dos encontros.

Somos filhas de Oxum porque somos filhas da água. Água que corre, que envolve, que acolhe, que gera. Água que não separa: mistura. Somos desse lugar do encontro das águas, terras de uma Amazônia amazonense, onde o rio Negro e o Solimões se aproximam, se tocam e caminham lado a lado antes de se tornarem outro corpo. Esse encontro nasce da convivência de diferenças, como um gesto de cuidado. É território que ensina que viver é compor.

É a partir dessa imagem-território que este texto se inscreve. Filhas de Oxum são aquelas que reconhecem na água uma origem e uma ética: a ética de gerar sem aprisionar, de nutrir sem dominar, de sustentar a vida em movimento. Aqui, a maternidade deixa de ser pensada como destino biológico e passa a ser compreendida como prática expandida de cuidado. Um gesto que se aprende nas relações, nas travessias e nos encontros.

Ao mobilizar escritas de si, o artigo se ancora na compreensão foucaultiana de que narrar a própria experiência constitui uma prática ética de formação do sujeito (Foucault, 2004), deslocando a escrita de um lugar meramente descritivo para um exercício de constituição de si. Nesse movimento, assumimos a autobiografia inventiva enquanto uma escrita de si e, assim, como amparo teórico-metodológico, compreendendo-a não como relato fiel de uma interioridade estável, mas como experimentação que se faz em a e através da linguagem, em que o sujeito não se revela, mas se produz nos próprios gestos de narrar-se. Uma vez que, a autobiografia, na perspectiva pós-crítica, desloca-se de uma busca por essência ou verdade para tornar-se espaço de invenção de si, marcada pela incompletude, pelos borramentos e

pelas discontinuidades que atravessam os modos de existir (Oliveira; Costa; Aikawa, 2023). Contudo, a autobiografia inventiva não é apenas um registro de fatos, mas um modo de investigação que mobiliza memórias, afetos e experiências corporais para produzir conhecimentos, tensionando o paradigma representacional e afirmando a linguagem como constitutiva da realidade.

Inscriver-se, aqui, é um gesto que não apenas recorda, mas cria, desloca e reinventa modos de existir. Trata-se de uma escrita que emerge do corpo em relação com a água, com o território e com as memórias, constituindo-se como experiência, no sentido proposto por Larrosa (2002), como aquilo que nos acontece e nos transforma. Nesse sentido, escrevemo-nos com a água, reconhecendo o corpo como território atravessado por memórias de cuidado - banhos, rios, chuvas, gestos de acolhimento, práticas coletivas de sustentação da vida - e também como superfície de inscrição de discursos, afetos e resistências.

A escolha por uma escrita que transita entre a primeira pessoa do singular (eu) e a primeira pessoa do plural (nós) não é casual, mas constitutiva do próprio gesto metodológico. O eu emerge como marca situada de uma experiência encarnada, singular e atravessada por histórias, enquanto o nós se produz como efeito das relações, dos encontros e das forças coletivas que tornam qualquer processo de subjetivação compartilhado. Tal oscilação tensiona a ideia de sujeito individual autônomo e reafirma, em diálogo com a perspectiva da invenção de si, que narrar-se é sempre narrar-se-com, isto é, com outras mulheres, com outros corpos, com o território, com a água. Assim, a escrita deste ensaio se faz nesse entre: nem plenamente individual, nem totalmente coletiva, mas como composição, como fluxo, como acontecimento que se produz na travessia de um rio.

Essa perspectiva dialoga com os ecofeminismos, que compreendem o cuidado como prática material e política de manutenção do mundo (Puig de la Bellacasa, 2017; Mies; Shiva, 1993), evidenciando que sustentar a vida implica reconhecer as interdependências entre corpos, territórios e modos de existência. E com as filosofias do devir, especialmente em Deleuze e Guattari (1997), que nos permitem compreender a maternidade não como identidade fixa, mas como processo, como fluxo, como devir-água, em constante transformação.

Ser filha de Oxum, nesse texto, não se refere apenas a uma filiação religiosa ou simbólica, mas a um modo de estar no mundo: reconhecer-se enquanto água, do encontro e da responsabilidade que sustenta a vida. Assim como os rios, o Negro e o Solimões, as maternidades (im)possíveis caminham lado a lado com as infâncias, com

os territórios e com os coletivos, compondo formas de educar e cuidar que se fazem no entre, no fluxo e na relação.

Este texto nasce desse lugar. Entre águas. Entre memórias que nos devolvam para a água em seus ritmos silenciosos e fluídos de existir. Entre mulheres que cuidam e aprendem a cuidar mesmo nas perdas que geram tristezas. Entre crianças que ensinam outros ritmos de existir. Ao afirmar que somos filhas de Oxum, afirmamos também que educar e maternar são práticas inseparáveis da água: gestos que acolhem, protegem, alimentam e fazem viver nas terras de uma Amazônia amazonense, onde o encontro com as águas nos ensina, todos os dias, a transbordar cuidado.

## **ENTRE MEDOS E CUIDADOS IRROMPEM MATERNIDADES**

*Minha mãe sempre, como alternativa do viver, me falou que não quer saber dos espíritos das águas pois eles só lhe trouxeram dor, dores na alma que reverberam até os dias de hoje com seus 81 anos. Ela conta que quando nasceu, sua mãe lhe deu como afilhada de nossa senhora da Conceição, nunca entendeu por que, mas acredita que era muito doente e muito pequena, uma vizinha a colocava entre os seios fartos talvez para tentar mantê-la viva e quando criança um pouco maior sofria de males inexplicáveis para muitos, inclusive para ela e para mim.*

*Quando estava ao sol, e vivia ao sol, pois moravam na zona rural de Benjamin Constant interior do Amazonas, por várias vezes quando ia ao rio pegar água, no meio do caminho lhe fugia a realidade e tudo ficava diferente para seus olhos, sabia que estava no caminho de sempre, entre sua casa e a beira do rio, mas percebia tudo de forma contrária ou bem diferente daquele lugar que estava acostumada a seguir, outras vezes era dominada por um sono incontrolável, deixava a lata d'água no chão, se aconchegava ao capim quente do caminho e dormia profundamente e quanto mais quente o sol mais ela dormia, muitas vezes aconteceu de ser encontrada e surrada para acordar e deixar de ser preguiçosa.*

*Meus avós trabalhavam cortando seringa e coletando castanhas para donos de seringais e castanhais, mudavam-se de seis em seis meses em busca de trabalho e minha mãe era primogênita que via em cada mudança o pouco do que conseguiam ficar para trás. Certa vez me contou chorando que ganhou uma boneca de verdade, pois brincava com pedaços de pano dobrado e amarrado ficando a parte dobrada menor identificando a cabeça de uma boneca e as laterais ficavam soltas como sendo as pernas. Seus olhos brilhavam quando descreveu a boneca que ganhou da filha do patrão*

*de seu pai: ela era de porcelana, branquinha e tinha chapéu e vestido florido, mais ou menos desse tamanho, fez com as mãos distanciadas uma da outra, indicando uns quarenta centímetros.*

*De repente minha mãe ficou calada, baixou a cabeça, percebi ali ter uma dor atravessada naquela alma sofrida, esperei um pouco e já ia mudar de assunto quando ela disse que lembrava da boneca de bubuia (boiando) descendo rio abaixo, seu pai jogava tudo que não era útil quando iam se mudar para outra empreitada e a boneca de minha mãe descia o rio, agora em minhas lembranças também, pois não era útil para meu avô que não conheci.*

*Casou-se para fugir de casa, sair das mãos do padrasto, mas sempre pensou que Deus não a deixaria engravidar, achava a maternidade sofrida e não queria isso pra ela, parecia sentir medo do porvir, três anos depois do casamento brincava com seus dois filhos saudáveis quando sentiu forte dor no pé da barriga e foi levada ao pronto socorro com urgência.*

*No outro dia uma das crianças que estava sadia brincando com a mãe, amanheceu com febre intensa e foi levada ao mesmo pronto socorro em estado grave. Minha mãe estava com apendicite supurada e precisava ser operada com urgência. No entanto, ela estava grávida e, para salvar sua vida, o feto precisaria ser sacrificado. Enquanto passava pelo procedimento, na sala ao lado, o filho que havia deixado em casa, até então saudável, veio a óbito. Assim, no mesmo tempo em que seu útero era raspado para garantir sua sobrevivência, perdia também outro filho. Ela só soube dessas duas perdas sete dias depois, ao receber alta do hospital. Até então, não havia sido informada, por decisão dos médicos que, segundo alegaram, buscavam poupar sua saúde mental diante de uma dor tão intensa.*

*Tempos depois, minha mãe - agora com quatro filhos vivos - morava conosco na rua Humberto de Campos, no bairro São Jorge, em Manaus (AM). Nos fundos da casa corria um igarapé conhecido como Igarapé do São Jorge. À margem dele, havia uma grande pedra em nosso terreno, que se tornava nosso lugar de encontro: era ali que brincávamos quase todos os dias.*

*Em uma noite marcante, minha mãe, enquanto dormia, sonhou que caminhava até aquela pedra à margem do igarapé. De repente, um caminho se abriu, movida pela curiosidade, ela seguiu por ele. Logo na entrada, encontrou dois guardiões, com poucas vestes, lanças grandes nas mãos, cruzadas à sua frente, impedindo sua passagem. Foi então que surgiu uma mulher, esta ordenou que eles a deixassem entrar. Ao adentrar, minha mãe foi bem recebida. A mulher lhe ofereceu algo para comer, mas,*

*imediatamente, ela se lembrou do que sua própria mãe lhe ensinara: que, ao comer algo debaixo d'água, ficaria encantada. Por isso, recusou. A mulher então lhe disse: "Você está grávida, e é um menino. Você me dá o seu bebê?". Minha mãe respondeu que sim, mas, no mesmo instante, negou: disse que não estava grávida e que jamais daria um filho seu. "Agora é tarde", disse a mulher. "Esse bebê que você carrega no ventre é meu. Mas não se preocupe: só vou precisar dele aos quinze anos. Até lá, não o leve ao médico - ele não vai precisar, pois eu mesma cuidarei dele".*

*Minha mãe acordou com uma lembrança vaga do sonho, sem lhe dar muita importância. Até que descobriu estar grávida - e de um menino. A partir daí, passou a viver entre medos e cuidados. O menino nasceu, recebeu o nome de Hayner e era muito saudável. Ainda assim, por qualquer pequeno sinal, era levado à rezadeira. Em uma dessas ocasiões, a rezadeira, incorporada, disse: "Não tenha medo, eu estou cuidando do meu filho". Depois disso, minha mãe nunca mais voltou à rezadeira. Passou a levá-lo ao médico, e, curiosamente, antes mesmo de ser atendido, o menino já melhorava. Entre o medo e o cuidado, ela tomou uma decisão: sair das margens do igarapé. Abandonou uma casa boa para recomeçar do zero em outro lugar, longe da água, na tentativa de proteger o filho que crescia saudável, mas sob a ameaça daquele destino anunciado - ser levado pelas águas aos quinze anos.*

*Agora éramos cinco irmãos. O novo lugar onde fomos morar era bonito, cercado por muitas árvores. Ao lado, havia um campo enorme onde as pessoas jogavam bola e as crianças brincavam livremente, sem o risco da água. Hoje, esse lugar corresponde à área onde estão a Prefeitura Municipal de Manaus e a Escola Estadual Júlia Bittencourt.*

*De repente uma empresa de mineração começou escavar aquele campo com dinamites para tirar pedras deixando grandes buracos com cerca de vinte metros de profundidade. Minha mãe não associou a pedreira com o perigo das águas e naquele domingo de sol nos permitiu brincar no campo ao lado de casa.*

*Embora fosse um dia de sol, estávamos no mês de janeiro, e, no Amazonas, janeiro é tempo de muitas chuvas. Os buracos abertos pela retirada de pedras estavam cheios de água, formando grandes poças que mais pareciam pequenos rios. Alguém comentou que a pedreira estava linda, "parecendo um rio", e nos convidou para ver. Mal se ouviu o convite, Hayner, meu irmão caçula, saiu correndo em direção à pedreira. Ninguém conseguiu alcançá-lo. Ao chegar diante daquele "rio" - águas turvas, contaminadas pelas dinamites - ele parou por um instante, como se contemplasse. Em seguida, colocou o pezinho na água, que pareceu puxá-lo para o fundo. Quatro dos cinco irmãos se lançaram na tentativa de salvá-lo. Dois conseguiram sair com vida. Os*

*outros dois - Dinho, o filho-homem mais velho, que já ajudava nos afazeres da casa, ia à taberna fazer pequenas compras e levar recados, e Hayner, o caçula, alvo de todos os cuidados e alegria da família - foram retirados muito tempo depois pelo Corpo de Bombeiros, já sem vida no corpo físico.*

*Minha mãe, no limite do desespero, na fronteira da loucura, foi atravessada como por uma flecha pela lembrança daquela voz no sonho, sob as águas do igarapé do São Jorge: "Agora é tarde. Esse bebê que você carrega no ventre é meu, mas não se preocupe, eu só vou precisar dele com quinze anos". Sem consolo, ela se deu conta de que Hayner não tinha quinze anos - tinha apenas quatro anos, alguns meses e alguns dias. Dinho, seu filho mais velho, que morreu afogado junto com ele, tinha dez anos, alguns meses e alguns dias. Somadas as idades dos dois, chegavam exatamente aos quinze anos<sup>1</sup>.*

Diante de um luto que se faz eterno, entre medos e cuidados, surge a profundidade das maternidades (im)possíveis na Amazônia, onde matinar ultrapassa o gestar, o parir e o cuidar. Ser mãe, aqui, é viver em travessia, em partilha sensível com o território e seus mistérios. A dor materna, muitas vezes invisibilizada, irrompe como aviso: cuidar e respeitar as águas é também uma prática material e política de sobrevivência na Amazônia. Nessa perspectiva, a maternidade se expande ao reconhecer que a vida dos filhos se tece em diálogo constante com as forças da natureza e com as heranças ancestrais que habitam as águas encantadas de Manaus (AM).

A lembrança da boneca levada pela correnteza desperta, em nós, uma potência criadora de escrita de si, em chave de autobiografias inventivas. Ao reler a dor da separação, mobiliza a transitoriedade que marca infâncias e maternidades ribeirinhas - onde aquilo que parece firme pode desmoronar em barrancadas quando menos se espera.

Essa escrita da vida, ao mesmo tempo em que fortalece, também denuncia a precariedade das políticas públicas, que pouco amparam mulheres obrigadas a enterrar seus lutos e recomeçar com as forças e as vidas que lhes restam - vidas que geraram, que lhes pedem proteção e que, muitas vezes, ainda não têm maturidade para compreender tamanha dor, devolvendo-a em acusações e silêncios.

---

<sup>1</sup> As narrativas serão apresentadas em itálico por constituírem um plano de escrita distinto, no qual experiências, encontros e escritas de si participam da produção do conhecimento. A opção tipográfica busca apenas marcar esse deslocamento de linguagem, mantendo em coexistência, no mesmo texto, diferentes modos de narrar, pensar e pesquisar.

Vi e ouvi, muitas vezes, pessoas próximas acusarem minha mãe pela morte dos meus irmãos. Demorei a compreender o peso dessas falas. O cuidado e a dedicação que eu tinha por ela, como filha, eram atravessados por sentimentos ambíguos: um amor profundo por essa mulher marcada pela dor, que ainda assim se mantinha forte pelos filhos que lhe restavam, e, ao mesmo tempo, um ressentimento silencioso por ter permitido que saíssemos para brincar naquele dia, no campo ao lado de casa - quando fomos atraídos pelas águas contaminadas e pela morte.

A violência extrativista narrada não incide apenas sobre a terra, mas reverbera diretamente sobre os corpos e as vidas que dela dependem. Como apontam Mies e Shiva (1993), os projetos de exploração da natureza estão intrinsecamente ligados à exploração dos corpos femininos e à desestruturação das redes de cuidado. Nesse sentido, o episódio da pedreira evidencia uma ruptura das condições de sustentação da vida, produzindo uma ecologia da morte que atinge, de maneira mais intensa, mulheres e crianças.

A visão trágica do encantamento de meus irmãos ressoa, em mim, como ignorância diante de algo que não compreendíamos: a necessidade de levar dois no lugar de um - aquele que havia sido pedido em sonho e que, supostamente, seria levado aos quinze anos. Acreditávamos, então, que ainda teríamos tempo. O fato de a soma das idades totalizar exatamente os quinze anos anunciados no sonho convoca outra camada de leitura, aproximando-se de uma cosmopercepção afrodiaspórica ligada a Oxum, senhora das águas - aquela que gera a vida, mas que também guarda os mistérios sobre a vida e a morte.

A experiência do sonho e da relação com a mulher das águas tensiona, de maneira radical, a lógica moderna e colonial de propriedade sobre os corpos, os filhos e a própria vida. Na memória dessa narrativa, a maternidade deixa de ser compreendida como vínculo exclusivo entre mãe biológica e criança, deslocando-se para um campo relacional mais amplo, em que o gerar, o cuidar e o sustentar a vida não se organizam a partir da posse, mas da partilha e da co-presença entre diferentes forças. Ao sugerir uma maternidade compartilhada entre a mulher do fundo do igarapé e a mãe, rompe com a ideia de filiação como domínio e introduz a maternidade como travessia, como relação atravessada por dimensões visíveis e invisíveis, humanas e não humanas.

Esse deslocamento nos permite tensionar as categorias ocidentais de organização social, como propõe Oyěwùmí (2021), ao evidenciar que noções como maternidade, família e parentesco não são universais, mas construções historicamente situadas, profundamente marcadas por uma racionalidade colonial que separa natureza e cultura,

corpo e espírito, humano e não humano. No contexto amazônico, atravessado por cosmo percepções que não operam a partir dessas cisões, a maternidade emerge como prática situada em redes de existência mais amplas, onde a vida se constitui em relação com as águas, com os encantados e com os territórios.

A presença da mulher das águas, nesse sentido, não pode ser reduzida a um elemento simbólico ou imaginário, mas deve ser compreendida como expressão de uma ontologia outra, em que a vida é continuamente negociada, compartilhada e, por vezes, disputada entre diferentes planos de existência. As reflexões de Rufino (2019), ao mobilizar a noção de encantaria e encruzilhada, contribuem para compreender esse acontecimento como um ponto de cruzamento entre mundos, onde a linearidade da vida e da morte é desestabilizada e onde o cuidado se constitui como prática que envolve risco, entrega e negociação com forças que escapam à racionalidade moderna.

Nesse horizonte, a maternidade não se ancora em garantias, mas em incertezas e atravessamentos, configurando-se como um exercício constante de atenção e de abertura ao imprevisível. Trata-se de uma maternidade que se faz no entre. Entre o visível e o invisível, entre o humano e o não humano, entre o controle e o encantamento. Por isso, exige outras éticas, outras formas de compreensão da vida. Maternar, nesse estudo, deixa de ser um ato de posse para afirmar-se como prática de coexistência, em que cuidar é sustentar relações em um mundo compartilhado.

Podemos, também, estabelecer uma crítica ecofeminista ao mencionar a empresa de mineração e o uso de dinamites que transformaram a paisagem em "buracos cheios de águas contaminadas". A violência extrativista sobre a terra reflete-se diretamente na violência sobre o corpo e o luto da mãe. A pedreira, ao simular a beleza de um rio que atraiu as crianças, corrompe o fluxo natural da vida, evidenciando como o projeto colonial e capitalista tenta contra a manutenção do mundo e das redes de cuidado que mulheres amazônidas tentam preservar.

O viver entre medos e cuidados é a tensão materializada da ética do cuidado situada bem distante da visão romântica da maternidade, a experiência de minha mãe com os acontecimentos narrados escancara que o cuidado é um estado de alerta e uma desobediência constante, pois foge das margens, busca frestas nas rezadeiras e médicos e enfrenta o silenciamento hospitalar e familiar que poupam sua saúde mental ocultando a morte de seus filhos. O cuidado não é um valor abstrato, mas uma prática situada, que envolve trabalho, atenção e responsabilidade com a manutenção do mundo. Assim, as maternidades aqui narradas configuram-se como práticas políticas

de cuidado, que se dão em contextos de precariedade, violência e resistência (Puig de la Bellacasa, 2017).

## **TORNAR-SE MÃE**

*Apelidada por minha tia como repórter cricri, pode-se imaginar que eu não parava quieta e nem calada, sonhava em ser muitas, jornalista, advogada, professora, mas nunca sonhei em ser mãe, na realidade nem mulher eu queria ser por sempre acreditar ser injusto o discurso e as obrigações destinadas aquelas do sexo feminino.*

*Com foco nos meus estudos, sonhava em ser alguém instruída com uma carreira bem sucedida e na minha mente para que isso acontecesse eu não poderia ser mãe, pois se para mulher as coisas já são difíceis para as mulheres mães eram ainda maiores os desafios.*

*Ao fim do meu ensino médio alcancei boas aprovações, dentre elas escolhi cursar Letras, no meu terceiro período de graduação descobri que estava grávida, foi um momento de muito tormento, ecoavam em mim inúmeras frases que eu já havia escutado em outras ocasiões, "foi arranjar filho agora acabou com a vida", "tanto esforço pra jogar tudo pro alto", "agora eu quero ver como ela vai se virar, pra cuidar do marido e do filho", da hora que descobri a gravidez até contar aos meus pais foram minutos de puro terror psicológico que eu mesma me fiz, mas quando contei a eles vi que ali começava uma nova vida, após a comemoração da chegada de um bebê vieram as orientações, o acalento, e a sensação incrível de como é bom ser amada e acolhida.*

*No fim de semana após o descobrimento da gravidez, realizamos a travessia e fomos ao Careiro/AM, em meio a viagem havia um pescador que vendia peixes na beira da estrada, meu pai parou para comprar alguns e este homem veio até mim que estava na janela do carro e disse que talvez eu não soubesse, mas eu estava grávida, apenas sorri, seguimos viagem, como ele sabia não sabemos. Mas após a aceitação de que havia uma vida crescendo dentro de mim e que eu seria mãe dele, iniciei os estudos de como cuidar de crianças, quais suas fases de desenvolvimento, quais habilidades trabalhar nos primeiros anos de vida, busquei tornar-me mãe.*

*Antes mesmo de meu primogênito nascer, recebemos uma comunicação espiritual através de uma reunião mediúnica, de que sempre que ele adoecesse que eu não me preocupasse, o mantivesse em contato com a água, fosse através de banhos de rio, de chuva ou com chás de ervas e tudo ficaria bem. Ele nasceu com uma grave cardiopatia congênita, seus banhos pela manhã e pela noite eram com camomila, com*

*poucos meses banho de chuva e assim embutida de intuições meu filho se manteve sempre em contato com a água e saudável até sua cirurgia aos seis meses de vida.*

*Após um ano e alguns meses, eu ainda insistia na graduação, agora acompanhada do meu pequeno e sustentada por uma incrível rede de apoio. Nesse período, comecei a fazer aulas de natação, na tentativa de aprender a nadar e, quem sabe, amenizar o medo da água. Foi durante essas aulas que um grande desconforto me atravessou. Pouco depois, descobri que estava grávida novamente. Tratava-se, porém, de uma gestação de risco: havia descolamento de placenta, exigindo o uso de medicação para evitar o aborto e o afastamento imediato da universidade. A orientação médica era clara - repouso, intercalado com aulas de hidroginástica. Ao completar seis meses de gestação, comecei a perder líquido. Minha médica, então, recomendou que eu permanecesse o máximo de tempo possível dentro da água. Diante disso, meus pais compraram uma piscina grande de plástico, e todas as tardes eu me colocava ali, de bubuia, sustentada pela água, até o nascimento de minha filha.*

*O retorno à graduação foi ainda mais difícil dessa vez. Descobri que, durante o período em que estive afastada, mesmo tendo dialogado com os professores e realizado as atividades, fui reprovada por faltas em uma disciplina. Entrei com um processo junto à coordenação do curso, anexando todos os documentos médicos que justificavam meu afastamento, mas o pedido foi indeferido. Procurei a coordenação, que, à época, era representada por uma mulher, e ouvi dela que, quanto aos acordos feitos com os professores, "palavras o vento leva", e que nada poderia ser feito. No sétimo período da graduação, decidi abandonar o curso e me dedicar integralmente à maternidade.*

*Mais de cinco anos depois, sou aprovada no vestibular para cursar pedagogia, na aula magna uma manifestação, uma aluna levanta e pede a palavra para falar quanto as faltas de uma amiga que sofre com endometriose, a diretora da instituição apresenta os motivos aceitos pela instituição para justificar e abonar faltas e finaliza sua fala afirmando que a universidade não fora feita para as mulheres. Em meio a graduação, um divórcio, uma pandemia e uma nova gestação, cursei parte do curso em formato híbrido devido a pandemia Covid-19, lembro bem de estar apresentando um trabalho quando entrei em trabalho de parto e entre uma contração e outra retornava a minha fala. No retorno das aulas presenciais, contei com a parceria e compreensão do corpo docente, de minha turma e da unidade em que cursava. Todos nos acolheram, o que foi essencial para que eu concluísse minha graduação, tive a honra de apresentar meu trabalho de conclusão de curso que falava sobre a história da educação de mulheres no período provincial com o meu filho no colo.*

Ao trazer essas memórias que nos constituem enquanto mulheres-mães-docentes-pesquisadoras e de tantas formas que insistem em nos dizerem que 'a universidade não foi feita para as mulheres', algo não soou como novidade, mas como confirmação de um incômodo que já atravessava o corpo. Não eram somente falas soltas e olhares momentâneos, era um modo de funcionamento. Um ritmo que não comporta interrupções, um tempo que não espera, um espaço que exige presença inteira - como se fosse possível existir inteira quando se carrega outras vidas junto.

Havia ali uma espécie de exigência silenciosa, quase imperceptível, mas profundamente eficaz: a de tornar-se um certo tipo de sujeito. Um sujeito disponível, contínuo, disciplinado, capaz de organizar sua existência em função de uma produtividade constante. Como nos permite pensar Foucault (2004), não se trata apenas de regras externas impostas por uma instituição, mas de práticas que nos constituem, que nos convocam a nos relacionarmos conosco mesmas de determinadas maneiras. A universidade, nesse sentido, não apenas regula corpos, mas produz modos de ser.

E é nesse ponto que o incômodo se intensifica. Porque, ao mesmo tempo em que somos atravessadas por essas exigências, nossos corpos não cabem nelas. O corpo que cuida, que amamenta, que acorda de madrugada, que se divide entre tarefas visíveis e invisíveis, não se ajusta facilmente a esse ideal de continuidade. Há uma fratura entre o que se espera e o que se vive.

Nesses atos de existências há um regime de verdade (Foucault, 2004) que define o que é ser uma boa estudante, uma boa pesquisadora, uma boa profissional. E, nesse regime, o cuidado raramente aparece como prática legítima de si. Ao contrário, ele surge como desvio, como aquilo que precisa ser contornado, ocultado ou superado. Somos, então, convocadas a operar sobre nós mesmas, a disciplinar nossos tempos, nossos afetos e nossos corpos para corresponder a esse modelo.

Mas como exercer esse trabalho sobre si quando a vida insiste em nos atravessar? Quando há outras vidas implicadas na nossa?

Talvez seja justamente aí que se abre uma fissura. Porque, se a universidade opera como espaço de produção de sujeitos, também é possível tensionar essa produção. As experiências que carregamos - de cuidado, de maternidade, de cansaço, de presença 'fragmentada' - não apenas nos desajustam, mas colocam em questão o próprio modelo de sujeito que se pretende universal.

A universidade parece pedir um corpo que não fosse atravessado por demandas, por cansaços, por filhos, por cuidados. Um corpo disponível, contínuo, produtivo. Um

corpo que não é o nosso. Há muito tempo, como nos lembra hooks (2013), esses espaços vêm sendo organizados de modo a silenciar certas existências. Não é que não possamos entrar. Entramos. Mas nem sempre cabemos. E, quando cabemos, é à custa de nos esticarmos, de nos apertarmos, de deixarmos partes de nós do lado de fora. Pois, ser mãe dentro da universidade é, muitas vezes, existir nesse descompasso. Enquanto o texto precisa ser entregue e a presença é cobrada, há uma criança que adoece, que chora, que chama. E esse chamado não pode ser adiado. Não há como negociar com ele.

O que Federici (2019) nos ajuda a perceber é que esse cuidado, que sustenta a vida todos os dias, nunca foi reconhecido como trabalho legítimo. Ele acontece, mas não conta. E, por isso, quando atravessa a universidade, chega como excesso, como falha, como ausência. Como aquilo que atrapalha. Mas talvez não seja o cuidado que atrapalha. Talvez seja a própria universidade que ainda não aprendeu a existir com ele. Nossos próprios corpos estão encharcados de universidade, que nos fazem entristecer por não sermos produtivos o bastante em um tempo moderno que nos exigem. A memória da reprovação, a negação da palavra dada, o desconsiderar dos acordos - tudo isso vai se acumulando não apenas como obstáculo, mas como marca de um sistema que não sabe lidar com corpos que cuidam. Corpos que não são lineares. Corpos que não produzem em linha reta.

E, ainda assim, ficamos. Voltamos. Insistimos.

Assim, ao invés de simplesmente falharmos diante desse modo de funcionamento, começamos a percebê-lo. E perceber, aqui, já é um gesto para um primeiro deslocamento. Um modo de não se deixar capturar completamente por aquilo que nos quer inteiras, lineares e disponíveis, quando, na verdade, somos múltiplas, atravessadas e em constante relação.

Há algo de profundamente político nesse permanecer, pois deslocamos e insistimos em ficar. Como quem, ao entrar com filhos no colo, com histórias atravessadas, com corpos cansados, obriga a universidade a se reorganizar, ainda que lentamente. Talvez maternar, nesse contexto, seja também isso: sustentar a vida em meio ao que não foi feito para ela. Abrir espaço onde não havia. Fazer caber onde não cabia. E, aos poucos, ir inundando - como água - estruturas rígidas demais para perceber que a vida nunca foi linear.

## **TORNAR-SE RIO**

Mesmo envolvida pelas águas desde criança, pelo movimento constante de travessia do rio Negro e do Solimões, da capital para o interior. Em um momento de exercício da escrita de si enquanto prática ética de formação, me vejo em teimosia com a minha pesquisa, querendo fugir da travessia-rio que me levava ao Encontro das Águas e que me desnuda das rigidezes coloniais. Questionava-me, mas por que água?

*Em meio a uma aula, especificamente em uma performance, o pedido era que se deixasse sentir como a primeira coisa que lhe vinha à cabeça, instantaneamente veio: ÁGUA. Não seria possível, rapidamente tento fugir desse pensamento, mas também quero ser honesta comigo e o tempo se apressa, vou ficar com água mesmo, de pronto me sinto imobilizada e instantaneamente me vejo como gelo, permaneço água agora em estado sólido, adentramos a sala cada um a experimentar aquilo que é, petrificada por ser gelo, sento ao chão com corpo um tanto rígido, inicia um movimento dos artistas que guiam aquela performance, ambos sentados, alcança um violão, mas claramente este não é um instrumento musical, por hora ele é um remo.*

*A água retorna. A sala começa a inundar. Uma bacia de alumínio surge, daquelas que vi inúmeras vezes quando criança minha avó carregar com panelas para ariar no giral. Um balde despeja água com a força de um rio que corre, seria o rio Madeira? A água respinga em mim e algo começa a ceder. Os dedos dos pés e das mãos se movem. O gelo racha. O corpo responde. Me sinto convidada a participar e, sem ensaio algum, com as mãos bato na água daquela bacia, que logo se transforma em banzeiro. Outros corpos se aproximam. Um tecido surge e, quando tocado por todos, vira rio. Já não tenho um corpo, pois sou correnteza, ora agitada, ora mansa. Sou fluxo.*

Poucos dias depois da performance, uma conversa com aquela que me orienta na pesquisa, ao relatar a performance e como me senti, começo a chorar, e ela me questiona tentando me fazer entender o que me fazia chorar. As águas sempre estiveram muito presentes em minha vida, pelos relatos de perda dos filhos de minha avó materna, às sensações de afogamento que me acompanham ou as intuições de quando me tornei mãe, de que tudo que meu filho sentisse seria tratado com um bom banho, fosse de rio, de chuva ou de ervas.

O choro que transbordava parecia falar de tudo isso de uma só vez. As águas sempre me encantam e me amedrontam, pois ela não se contenta em ficar inerte está sempre buscando caminhos de fuga, quando aprisionada infiltra ou se acumula e transborda, abre brechas, busca partes descalafetadas, nunca para, sempre dá um jeito de vazar, ela acalma, acalenta, traz sustento, mas também afoga, carrega, inunda, desbarranca.

Foi depois dessa experiência que comecei a perceber que tornar-se rio não era apenas um acontecimento pontual, mas uma maneira de compreender a vida que já me atravessava há muito tempo. Cresci vendo o encontro das águas do rio Negro e do Solimões, esse lugar onde dois rios caminham juntos sem se misturar completamente. Sempre me disseram que ali as águas não se confundem, que cada uma mantém sua cor, sua temperatura, seu modo de correr. Mas talvez o que mais ensinam não seja a separação, e sim a convivência. Pois, o Encontro das Águas, é coexistência em composição. Cada rio segue sendo o que é, mas nenhum permanece o mesmo depois do encontro. O devir acontece justamente nesse plano: não quando uma coisa se transforma totalmente em outra, mas quando duas forças entram em relação e passam a compor um campo comum (Deleuze e Guattari, 1997).

Aqui neste ensaio, propomos maternar em devir-água - não no sentido de tornar-se idêntica ao rio, mas entrar naquilo que o rio produz - movimento, mistura, travessia, passagem, banzeiros. Talvez seja por isso que a maternidade, aqui, não possa ser pensada como uma forma fixa. Assim como as águas dos rios, ela não se deixa conter em uma única definição. Há maternidades que acolhem como águas calmas, há maternidades que arrastam como correntezas, há aquelas que transbordam, invadem, transformam tudo ao redor. E há também aquelas que seguem lado a lado, sustentando a vida sem precisar se fundir completamente com ela.

No encontro entre mãe e filho, entre mãe e mundo, entre mãe e território, não há uma unidade estável, mas uma relação em movimento. Assim como Negro e Solimões, maternar pode ser caminhar junto sem perder-se de si, pode ser sustentar a vida sem capturá-la enquanto posse, pode ser acompanhar sem dominar. E talvez seja esse o gesto mais difícil e mais potente das maternidades que atravessam este texto: existir como encontro, como composição de diferenças, como correnteza que sustenta a vida sem precisar aprisioná-la. Fluir com as dores, alegrias e persistências ao viver.

Existir como encontro na vida, assim como nesta autobiografia inventiva, a simpoiese (Haraway, 2023a) se faz uma experiência sensível. Nada acontece individualmente. Tornar-se rio, sem pretensões metafóricas, mas para se afirmar como materialização de maternidades (im)possíveis, forjadas no encontro entre corpos, águas, memórias e afetos. O descongelamento - essa passagem do corpo rígido, colonizado e petrificado para um corpo em fluxo - não se deu como decisão individual, mas como acontecimento coletivo em meio a performance, tecido na relação. Foi no entre-corpos, no entre-águas, que algo pôde ceder. O afeto compartilhado, a escuta mútua, a vibração da água em movimento e a co-presença de múltiplas existências

criaram as condições para que o tornar-se rio emergisse como acontecimento - não apenas vivido, mas produzido em comum - até inundar aquela sala.

Viver-com, enquanto experimentação. Um corpo em relação, um corpo que se desfaz de suas bordas fixas para compor com o outro - humano e não humano - uma zona de indiscernibilidade. Trata-se de uma aprendizagem que se dá no entre, como propõe Donna Haraway ao nos convocar a “fazer parentes” para além das genealogias biológicas, ampliando o parentesco às conexões multiespécies, tecnológicas, afetivas e políticas (Haraway, 2023a). Nessa perspectiva, maternar deixa de ser função naturalizada do corpo feminino e passa a ser prática relacional, situada e inventiva.

É nesse ponto que a figura do ciborgue irrompe como potência de deslocamento. Pois, “o ciborgue é uma criatura em um mundo pós-gênero; ele não tem compromisso com a bissexualidade, a simbiose pré-edípica, o trabalho não alienado ou outras seduções da totalidade orgânica” (Haraway, 2023b, p. 262). Ao tensionar as fronteiras entre humano e máquina, natureza e cultura, organismo e tecnologia, o ciborgue desfaz também a ideia de um feminino essencial e, com isso, implode a noção de maternidade como destino biológico. O feminino-ciborgue não materna por essência, mas por composição. Ele não cuida por natureza, mas por escolha situada e responsabilidade compartilhada.

Assim, a experiência performática vivida não apenas encena, mas encarna essa ruptura: ao bater na água e gerar o banzeiro (ondulação causada por embarcações), o gesto desloca a maternidade de um lugar de identidade fixa para um campo de forças. O banzeiro - esse movimento que se espalha, que reverbera, que afeta outros corpos - torna-se imagem e matéria de uma maternidade que se propaga por contágio, por relação, por implicação. Maternar, assim como educar, não é um ato isolado nem uma função pré-determinada, mas um aprendizado que se dá nas travessias, nas composições e nos encontros.

Trata-se, portanto, de uma ética do cuidado que não se ancora em essências, mas em conexões. Um cuidado que se faz no viver-com, no sustentar-com, no criar-com, em devires. Um cuidado ciborgue, simpoiético, amazônida - onde o corpo-docente-mãe-pesquisadora deixa de ser unidade para tornar-se multiplicidade em fluxo, sustentando a vida não como propriedade, mas como acontecimento coletivo em permanente movimento.

## DESÁGUES

Ao percorrer as águas que fluem entre tornar-se rio e os medos e cuidados que atravessam gerações, não chegamos propriamente a uma reflexão final, mas a um movimento de retorno. Como nos rios que não cessam, o que este ensaio permite é permanecer na travessia. As maternidades que aqui emergem não se deixam fixar em uma definição, tampouco se encerram em uma origem ou destino. Elas se fazem no curso das relações, nos encontros, nas perdas, nos gestos de cuidado que sustentam a vida mesmo quando tudo parece desmoronar.

Talvez possamos dizer que maternar, neste território amazônico, aproxima-se mais do encontro das águas do que de qualquer identidade estável. Assim como Rio Negro e o Solimões, as maternidades caminham lado a lado sem se fundirem completamente, compondo uma convivência de diferenças. Há, nesse encontro, uma ética que não se organiza pela posse, mas pela presença; não pelo controle, mas pela atenção; não pela fixidez, mas pelo movimento. Cada maternidade carrega sua própria cor, sua temperatura, sua memória, e, ainda assim, encontra outras para seguir existindo.

As narrativas que atravessam este texto - entre o gelo e a correnteza, entre a boneca que vai de bubuia e o TCC apresentado com o filho no colo - não se apresentam como exemplos, mas como fluxos de uma escrita viva que insiste em transformar dor em passagem, luto em cuidado, exclusão em reinvenção. Ao narrar, não buscamos explicar, mas sustentar o que insiste em viver. Há uma pedagogia que emerge dessas experiências, pois é um modo de estar no mundo.

O devir-água, deságua em um modo de perceber que a vida não se sustenta em formas rígidas, mas em fluxos que se reorganizam continuamente. Como o banheiro que rompe a superfície aparentemente calma, educar e maternar podem ser gestos que deslocam o que está petrificado, abrindo espaço para outras possibilidades de existir. Nesse sentido, o cuidado deixa de ser um atributo secundário e passa a ser condição de sustentação do mundo.

Ao longo desta travessia, enquanto filhas de Oxum, a escrita de si não funcionou como um espelho, mas como correnteza. Foi ela que permitiu que as memórias - marcadas por perdas, medos e resistências - se movimentassem, encontrassem outras águas e produzissem sentido. Ao narrar o encantamento trágico dos filhos, ao lembrar da infância atravessada pelas águas, ao afirmar a permanência na universidade mesmo

quando ela não nos cabia, o texto não busca fechar feridas, mas mantê-las em circulação, como parte daquilo que nos constitui.

Maternar, então, deixa de ser um lugar de posse para se afirmar como fluxo. Um movimento contínuo de sustentar e deixar ir, de cuidar e aprender a não reter. Há, nesse gesto, uma ruptura com a lógica da propriedade que insiste em capturar corpos e vidas, e uma aproximação com uma ética do comum, onde o cuidado se distribui, se partilha e se expande para além do humano.

Se a universidade, em muitos momentos, não foi feita para as mulheres, especialmente para aquelas que maternam, são essas mesmas mulheres-mães-águas que, ao permanecerem, vão lentamente deslocando suas margens. Não por confronto direto, mas por infiltração. Como a água, que encontra frestas, contorna obstáculos e, aos poucos, irrompem as paisagens.

Assim, esses escritos não se encerram, mas retornam. Retornam às águas de Oxum que o abriram, retornam às travessias que o sustentaram, retornam às memórias que continuam a se mover. Porque talvez não haja um fim para aquilo que se faz rio.

E, se há algo que essas águas nos ensinam, é que viver, e maternar, não é chegar a um ponto final, mas seguir em fluxo, compondo encontros, sustentando vidas e inventando caminhos. Assim, entoamos:

*Quem manda na cachoeira é Oxum;  
Quem tem tantos filhos pode ter mais um  
(Ponto cantado)*

## REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. Tradução: Ana Luiza Braga. São Paulo: n-1 edições, 2023a.

HARAWAY, Donna. **A reinvenção da Natureza: símios, ciborgues e mulheres**. Tradução: Rodrigo Tadeu Gonçalves. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2023b.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20–28, 2002.

MIES, Maria; SHIVA, Vandana. **Ecofeminismo**. Tradução: Fernando Dias Antunes. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

OYĚWÙMÍ, Oyeronke. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OLIVEIRA, Caroline; COSTA, Mônica; AIKAWA, Monica. Retrato da autobiografia enquanto coisa. **ClimaCom** – Ciência. Vida. Educação [online], Campinas, ano 10, n. 24., mai. 2023. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/retrato/> Acesso em: 20 mar. 2024.

PUIG DE LA BELLACASA, María. **Matters of Care**: Speculative Ethics in More than Human Worlds. University of Minnesota Press, 2017.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

## NOTAS

### TÍTULO DA OBRA

#### FILHAS DE OXUM! MATERNIDADES EM DEVIR-ÁGUA NA AMAZÔNIA

Daughters Of Oxum! Maternities in water-becoming in the Amazon

#### Maria Juciléia da Silva Lima

Especialista em Ensino da Língua Portuguesa e suas literaturas  
Mestranda em Educação em Ciências na Amazônia  
Universidade do Estado do Amazonas  
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia  
Escola Normal Superior  
Manaus, Brasil  
[mjdsl.mca25@uea.edu.br](mailto:mjdsl.mca25@uea.edu.br)

<https://orcid.org/0009-0006-2838-6728>

#### Eriane da Silva Lima

Graduada em Pedagogia  
Mestranda em Educação em Ciências na  
Universidade do Estado do Amazonas  
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia  
Escola Normal Superior  
Manaus, Brasil  
[edsl.mca25@uea.edu.br](mailto:edsl.mca25@uea.edu.br)

<https://orcid.org/0009-0000-7598-4807>

#### Caroline Barroncas de Oliveira

Doutora em Educação em Ciências e Matemática  
Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas  
Universidade do Estado do Amazonas  
Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia  
Escola Normal Superior  
Manaus, Brasil  
[cboliveira@uea.edu.br](mailto:cboliveira@uea.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0001-8430-2855>

## ENDEREÇO DE CORRESPONDÊNCIA DO PRINCIPAL AUTOR

BR 319, Km 35, 69250-00, Careiro, AM, Brasil.

## AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) pela bolsa e auxílio-pesquisa do Programa de Apoio à Pós-Graduação Stricto Sensu – POSGRAD – Edição 2025/2026, À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - BRASIL pela bolsa de estudo, ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Chamada Universal – Faixa A - processo nº 405060/2025-4 e pela Chamada Pública MCTI/CNPq nº 03/2025 - PRÓ-AMAZÔNIA, a Universidade do Estado do Amazonas (UEA), ao Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (PPGEEC), e ao grupo de pesquisa Vidar In-tensões.

## CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

### Concepção e elaboração do manuscrito:

**Coleta de dados:** M. J. S. Lima, C. B. de Oliveira, E. S. Lima

**Análise de dados:** M. J. S. Lima, C. B. de Oliveira, E. S. Lima S. Lima

**Discussão dos resultados:** C. B. de Oliveira, E. S. Lima

**Revisão e aprovação:** C. B. de Oliveira

## CONJUNTO DE DADOS DE PESQUISA

Todo o conjunto de dados que dá suporte aos resultados deste estudo foi publicado no próprio artigo.

## FINANCIAMENTO

Bolsa e auxílio-pesquisa da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) através do Programa de Apoio à Pós-Graduação Stricto Sensu – POSGRAD – Edição 2025/2026. Bolsa de estudos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES – BRASIL. Auxílio Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) – Chamada Universal – Faixa A - processo nº 405060/2025-4 e pela Chamada Pública MCTI/CNPq nº 03/2025 - PRÓ-AMAZÔNIA

## CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica.

## APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

## CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica.

## LICENÇA DE USO

Os autores cedem à **Zero-a-Seis** os direitos exclusivos de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution](#) (CC BY) 4.0 International. Esta licença permite que **terceiros** remixem, adaptem e criem a partir do trabalho publicado, atribuindo o devido crédito de autoria e publicação inicial neste periódico. Os **autores** têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não exclusiva da versão do trabalho publicada neste periódico (ex.: publicar em repositório institucional, em site pessoal, publicar uma tradução, ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial neste periódico.

## PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Núcleo de Estudos e Pesquisas da Educação na Pequena Infância - NUPEIN/CED/UFSC. Publicação no [Portal de Periódicos UFSC](#). As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## EDITORES

Márcia Buss-Simão.

## HISTÓRICO

Recebido em: 26-03-2026 – Aprovado em: 05-07-2026 – Publicado em: 12-10-2026